

O poder da geografia

Tim Marshall

O poder da geografia

O futuro do nosso mundo em 10 mapas

Tradução:
Berilo Vargas

Copyright © 2021 by Tim Marshall

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Power of Geography: Ten Maps that Reveal the Future of Our World

Capa

Celso Longo + Daniel Trench

Ilustração de capa

Provided by NOAA Office of Coast Survey, nauticalcharts.noaa.gov

Preparação

Diogo Henriques

Revisão

Clara Diamant

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marshall, Tim

O poder da geografia / Tim Marshall ; tradução Berilo Vargas.
— 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2022.

Título original: The Power of Geography : Ten Maps that Reveal
the Future of Our World.

ISBN 978-65-5979-067-8

I. Geopolítica 2. Política mundial I. Vargas, Berilo. II. Título.

22-105338

CDD: 320.12

Índice para catálogo sistemático:

I. Geopolítica mundial 320.12

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

*Para os jovens da Geração Covid
que fizeram a sua parte.
Agora é com vocês!*

Sumário

Introdução 9

1. Austrália 17

2. Irã 51

3. Arábia Saudita 87

4. Reino Unido 123

5. Grécia 157

6. Turquia 185

7. O Sahel 217

8. Etiópia 253

9. Espanha 281

10. Espaço 315

Agradecimentos 343

Bibliografia 344

Índice remissivo 352

Introdução

O falcão já não escuta o falcoeiro;
As coisas se desmancham; o centro cede.

W. B. YEATS, "A segunda vinda"

No ORIENTE MÉDIO, a vasta fortaleza do Irã e sua arqui-inimiga, a Arábia Saudita, se encaram através do golfo Pérsico. No Pacífico Sul, a Austrália encontra-se em meio aos dois países mais poderosos da nossa época, os Estados Unidos e a China. No Mediterrâneo, Grécia e Turquia travam uma disputa cujas raízes remontam à Antiguidade, mas que pode explodir em violência a qualquer momento.

Bem-vindos aos anos 2020. Os tempos de Guerra Fria, em que Estados Unidos e União Soviética dominavam o mundo, vão se tornando uma lembrança distante. Entramos numa nova era de rivalidade entre grandes potências, na qual vários protagonistas, mesmo atores menores, lutam para ocupar o centro do palco. O drama geopolítico ultrapassa o nosso domínio terreno, com países estendendo suas reivindicações para além da atmosfera, até a Lua e ainda além.

Quando a ordem estabelecida há várias gerações se torna temporária, é natural ficar apreensivo. Mas isso já aconteceu, está acontecendo e acontecerá de novo. Faz algum tempo que seguimos em direção a um mundo "multipolar". Depois da Segunda Guerra Mundial, vimos uma nova ordem: um bipolarismo tendo de um lado um sistema capitalista encabeçado pelos americanos e de outro um sistema comunista operado pelo que era na verdade o Império Russo e a China. Esse período durou algo entre cinquenta

e oitenta anos, dependendo de onde se estabeleçam as linhas. Nos anos 1990, vimos o que alguns analistas chamam de década “unipolar”, quando a influência americana era praticamente incontestável. Mas está claro que agora marchamos de volta para o que foi a norma durante quase toda a história humana: rivalidades entre múltiplas potências.

É difícil identificar com precisão quando isso começou; não houve um acontecimento isolado único que deflagrasse uma mudança. Mas há momentos em que se vislumbra alguma coisa, e o mundo opaco da política internacional fica mais claro. Tive uma experiência dessas numa úmida noite de verão em 1999, em Pristina, a dilapidada capital do Kosovo. A dissolução da Iugoslávia em 1991 tinha levado a anos de guerra e carnificina. Naquela altura, bombardeiros da Otan haviam expulsado as forças sérvias do Kosovo, e suas tropas terrestres esperavam para entrar na província pelo sul. Durante o dia ouvíamos boatos de que uma coluna militar russa tinha partido da Bósnia para garantir que a Rússia mantivesse sua tradicional influência nos assuntos sérvios.

Durante uma década, o urso russo esteve fora de jogo, empobrecido, inseguro, uma sombra do que havia sido. Assistiu, impotente, ao “avanço” da Otan rumo a suas fronteiras ocidentais, enquanto, repetidamente, os povos dos países que ele tinha subjugado votavam em governos empenhados em juntar-se à Otan e/ou à União Europeia, e enquanto na América Latina e no Oriente Médio sua influência diminuía. Em 1999, Moscou tomou uma decisão a respeito das potências ocidentais — bastava! Kosovo foi o limite estabelecido. O presidente Iéltsin mandou a coluna russa intervir (embora se acredite que Vladimir Putin, futuro político nacionalista radical, tenha participado da decisão).

Eu estava em Pristina quando a coluna blindada russa rolou pela rua principal nas primeiras horas da manhã, a caminho do aeroporto do Kosovo, nos arredores da cidade. Dizem que o presidente Clinton ficou sabendo de sua chegada antes das tropas da Otan ao ler minha reportagem, “Russos entram na cidade e estão de volta ao palco mundial”. Estava longe de ser uma matéria digna de um Pulitzer, mas, como primeiro rascunho da história, dava para o gasto. Os russos agora reivindicavam o direito de desempenhar

um papel no maior acontecimento do ano, e anunciaram que enfrentariam a maré da história, que até então corria contra eles. No fim dos anos 1990, os Estados Unidos aparentemente não tinham rival, e o Ocidente parecia vitorioso nos assuntos globais. Mas a reação tinha começado. A Rússia já não era a potência temível que havia sido — apenas uma entre muitas —, mas os russos lutariam para se afirmar onde pudessem. Demonstrariam isso também na Geórgia, na Ucrânia, na Síria e em outros lugares.

Quatro anos depois eu estava na cidade iraquiana de Karbala, um dos lugares santos mais importantes do xiismo. Saddam Hussein tinha sido derubado pela coalizão encabeçada por americanos e britânicos, mas a insurgência começava. No regime de Saddam (um muçulmano sunita), muitas formas xiitas de culto haviam sido proibidas, inclusive a autoflagelação ritual. Num calor de rachar, vi mais de 1 milhão de xiitas chegarem a Karbala vindos dos quatro cantos do país. Homens açoitavam as próprias costas e cortavam a própria testa até cobrirem o corpo de sangue, que pingava nas ruas, avermelhando a poeira. Eu sabia que, do outro lado da fronteira leste, o Irã, a grande potência xiita, lançaria mão de todos os truques imagináveis para ajudar a formar um governo iraquiano predominantemente xiita e projetar a influência de Teerã com força ainda maior para o oeste através do Oriente Médio, conectando-se a seus aliados na Síria e no Líbano. A geografia e a política tornavam esse movimento quase inevitável. Minha avaliação naquele dia era mais ou menos nesta linha: “A questão parece religiosa mas é política também, e as ondas desse fervor vão se espalhar até o Mediterrâneo”. O equilíbrio político tinha mudado, e o alcance cada vez maior da influência iraniana seria um desafio para o domínio americano na região. Karbala fornecia o pano de fundo para que se começasse a pintar o quadro. Infelizmente, uma cor prevaleceria: o vermelho-sangue.

Esses foram apenas dois momentos seminais que ajudaram a dar forma ao mundo complicado em que vivemos, enquanto múltiplas forças empurram, puxam e às vezes se chocam no que, em outros tempos, era chamado de “o grande jogo”. Ambos me deram uma ideia da direção que tomávamos. Ela começou a ficar ainda mais clara com os acontecimentos no Egito, na Líbia e na Síria nos anos 2010. O presidente egípcio Mubarak

foi deposto num golpe de Estado pelos militares, que usaram um violento teatro de rua para esconder sua jogada; na Líbia, o coronel Gaddafi foi derrubado e depois assassinado; e, na Síria, o presidente Assad agarrou-se ao poder com a ponta dos dedos até que russos e iranianos o socorreram. Nos três casos, os americanos sinalizaram que não salvariam os ditadores com os quais haviam negociado ao longo de décadas. Os Estados Unidos lentamente se retiraram da cena internacional durante os oito anos da presidência de Obama, num recuo que se estendeu pelos quatro anos do governo Trump. Enquanto isso, outros países, como Índia, China e Brasil, começaram a surgir como novas potências mundiais, com economias em rápido crescimento, buscando ampliar sua própria influência global.

Muitos não gostam da ideia dos Estados Unidos como “xerife do mundo” na era pós-Segunda Guerra Mundial. É possível argumentar a favor e contra as ações dos americanos. Mas, de qualquer maneira, na ausência de um xerife, várias facções vão tentar policiar o próprio bairro. E, se entrarem em disputa, o risco de instabilidade aumenta.

Impérios surgem e caem. Alianças se formam e se desfazem. O arranjo pós-guerras napoleônicas na Europa durou mais ou menos sessenta anos; o “Reich de mil anos”, apenas uma década. É impossível saber exatamente como o equilíbrio de poder será alterado nos próximos anos. Há sem dúvida gigantes econômicos e geopolíticos que continuam a ter enorme influência nos assuntos mundiais: os Estados Unidos e a China, claro, assim como a Rússia, o coletivo de países da União Europeia e a Índia, cujo poder econômico não para de crescer. Mas os países menores também são importantes. A geopolítica envolve alianças, e, com a ordem mundial em estado fluido, vivemos numa época em que as grandes potências precisam contar com as pequenas, e vice-versa. Isso dá a países como Turquia, Arábia Saudita e Reino Unido uma oportunidade de se posicionar estrategicamente para o poder no futuro. Por ora, o caleidoscópio continua a ser sacudido, e as peças ainda não se acomodaram.

Em 2015, escrevi um livro chamado *Prisioneiros da geografia*, no qual tentei mostrar como a geografia afeta a política global e influencia as decisões que os países e seus líderes podem tomar. Nele escrevi sobre a geo-

política da Rússia, da China, dos Estados Unidos, do Oriente Médio, da África, da Índia e do Paquistão, do Japão e da Coreia, da América Latina e ainda do Ártico. Optei por me concentrar nos principais jogadores, nos grandes blocos ou regiões geopolíticos, para oferecer um panorama geral. Há mais coisas a dizer, no entanto. Embora os Estados Unidos continuem sendo o único país capaz de projetar forte poderio naval em dois oceanos ao mesmo tempo, embora o Himalaia ainda separe a Índia da China e a Rússia ainda seja vulnerável nas planícies do oeste, novas realidades geopolíticas não param de surgir, e há outros jogadores dignos da nossa atenção, com poder para influenciar o nosso futuro.

Como *Prisioneiros da geografia*, o presente livro também olha para montanhas, rios, mares e concreto a fim de compreender realidades geopolíticas. A geografia é um fator essencial que limita o que a humanidade pode e não pode fazer. Sim, políticos são importantes, mas a geografia é ainda mais. As escolhas que os povos fazem, agora e no futuro, jamais estão separadas do seu contexto físico. O ponto de partida da história de qualquer país é sua localização em relação a vizinhos, rotas marítimas e recursos naturais. Você vive numa ilha varrida pelos ventos na periferia do oceano Atlântico? Então está em boa posição para explorar o vento e as ondas. Vive num país onde o sol brilha 365 dias por ano? Painéis solares são o seu caminho. Vive numa região rica em cobalto? Isso pode ser a sua bênção ou a sua maldição.

Há quem continue a desdenhar desse ponto de partida, tido como determinista. Fala-se num “mundo plano”, no qual as transações financeiras e as comunicações através do ciberespaço acabaram com a distância, e a paisagem perdeu o sentido. No entanto, esse mundo é habitado por uma fração minúscula de pessoas, que podem muito bem conversar por videoconferência e depois atravessar montanhas e mares para falar pessoalmente; mas essa não é a experiência da maioria dos 8 bilhões de habitantes da Terra. Os agricultores egípcios ainda dependem da Etiópia para obter água. As montanhas ao norte de Atenas ainda atrapalham seu comércio com a Europa. A geografia não é o destino — os seres humanos têm voz ativa no que acontece —, mas é importante.

Muitos fatores têm contribuído para o que há de ser uma década de incertezas e divisões enquanto avançamos para uma nova era. Globalização, antiglobalização, covid-19, tecnologia e mudanças climáticas tiveram seu impacto, e tudo isso aparece neste livro. *O poder da geografia* examina alguns acontecimentos e conflitos do século XXI com o potencial de produzir profundas consequências num mundo multipolar.

O Irã, por exemplo, está dando forma ao futuro do Oriente Médio. Estado-pária com um programa nuclear, ele precisa manter aberto o seu “corredor” xiita para o Mediterrâneo através de Bagdá, Damasco e Beirute, a fim de preservar sua influência. Seu rival regional, a Arábia Saudita, país construído sobre petróleo e areia, sempre contou com os Estados Unidos como aliado. Mas, à medida que a demanda por petróleo diminui, e os Estados Unidos ficam mais independentes em matéria de energia, os interesses americanos no Oriente Médio lentamente diminuem.

Em outros países é a água e não o petróleo que causa comoção. Na condição de “caixa-d’água da África”, a Etiópia conta com uma vantagem decisiva sobre os vizinhos, particularmente o Egito. Esta é uma das principais regiões para as possíveis “guerras por água” que veremos neste século, mas também demonstra o poder da tecnologia, com a Etiópia usando a energia hidrelétrica para mudar seu destino.

Muitas partes da África não têm essa opção, como é o caso do Sahel, a vasta área de savana no extremo sul do Saara, uma região assolada pela guerra que se estende sobre antigas divisões geográficas e culturais, e onde, em certas partes, a Al-Qaeda e o Estado Islâmico agora exercem controle. Muitos de seus habitantes fugirão, alguns para o norte, rumo à Europa. O que já constitui uma grande crise humanitária tende a piorar.

Como ponto de entrada na Europa, a Grécia é um dos primeiros países a sentir os efeitos das novas levadas migratórias. Além disso, sua geografia a coloca no coração de um dos barris de pólvora geopolíticos dos próximos anos: o Mediterrâneo oriental, onde reservas de gás natural recém-descobertas estão levando esse país-membro da União Europeia à beira do conflito com uma Turquia cada vez mais agressiva. Mas, embora faça demonstrações de força no Mediterrâneo oriental, a Turquia tem ambições

muito mais amplas. Sua agenda “neo-otomana” tem origem em sua história imperial e em sua posição na encruzilhada entre Oriente e Ocidente, e visa a cumprir o destino turco de vir a ser uma grande potência mundial.

Tendo também perdido um império, o Reino Unido, um grupo de ilhas frias no extremo oeste da Grande Planície Europeia, ainda busca um papel. Depois do Brexit, pode ser que se torne uma potência europeia de nível médio forjando laços políticos e econômicos em âmbito mundial. Enfrenta desafios não só externos mas também internos, como a perspectiva de uma Escócia independente.

Ao sul, a Espanha, um dos países mais antigos da Europa, também enfrenta a ameaça de fragmentação representada pelo nacionalismo regional. A União Europeia não pode oferecer apoio à luta catalã pela independência, mas a rejeição de um Estado incipiente poderia abrir a porta para a influência russa ou chinesa dentro da Europa. As lutas da Espanha exemplificam a fragilidade de algumas nações — e de alianças supranacionais — no século XXI.

No entanto, talvez a novidade mais fascinante dos tempos atuais seja que nossas lutas geopolíticas de poder estão se libertando de restrições terrenas para se projetar no espaço. Quem é dono do espaço? Como decidir? Nunca há uma “fronteira final”, mas essa é o mais perto que chegamos disso, e fronteiras tendem a ser lugares violentos, sem lei. Acima de certa altura, não há território soberano; se eu quiser colocar meu satélite armado a laser diretamente em cima do seu país, que lei você invocaria para dizer que não posso? Com muitos países disputando a posição de potência predominante no espaço e empresas privadas entrando na briga, está preparado o cenário para uma perigosa corrida armamentista de alta tecnologia, salvo se tivermos aprendido com os erros do passado e aceitemos os muitos benefícios da cooperação internacional.

Mas comecemos aqui embaixo, na Terra, num lugar tido durante séculos como isolado e desconhecido mas que agora, vendo-se de repente espremido entre a China e os Estados Unidos e com o poder de influenciar o que acontece no Indo-Pacífico, é um dos protagonistas mais importantes da nossa história: a ilha-continente, a Austrália.

CAPÍTULO I

AUSTRÁLIA

Jogar duro, até o fim, reduzi-los a pó.

DON BRADMAN, jogador de críquete



O C E A N O P A C Í F I C O



Mar de Aráfura

Nova Guiné

PAPUA-NOVA GUINÉ

ILHAS SALOMÃO

Mar de Coral

Território do Norte

Queensland

A U S T R Á L I A

Austrália Meridional

Brisbane

Nova Gales do Sul

Adelaide

Sydney

Território da Capital Australiana
C A M B E R R A

Vitória

Melbourne

Mar da

Tasmânia

Tasmânia

A AUSTRÁLIA FICAVA NO MEIO DO NADA, tornou-se um lugar importante e agora está no centro do palco. Como isso aconteceu?

A terra “lá embaixo” é uma ilha, mas uma ilha diferente de todas. É imensa — tão imensa que é também um continente, abrangendo florestas subtropicais, desertos quentíssimos, savanas ondulantes e montanhas cobertas de neve. Viajando de carro de Brisbane para Perth atravessa-se um país, mas uma distância semelhante seria a de Londres a Beirute, passando por França, Bélgica, Alemanha, Áustria, Hungria, Sérvia, Bulgária, Turquia e Síria.

Quanto a estar no meio do nada, bem, seguindo de Brisbane para nordeste através do oceano Pacífico são 11 500 quilômetros até os Estados Unidos; a leste fica a América do Sul, a 13 mil quilômetros; e a oeste de Perth, através do oceano Índico, são 8 mil quilômetros até a África. Mesmo a “vizinha” da Austrália, a Nova Zelândia, fica 2 mil quilômetros a sudeste, e de lá para a Antártica são mais 5 mil quilômetros de água. É só olhando para o norte que vemos a verdadeira posição da Austrália num sentido geopolítico. Ali está ela, uma democracia territorialmente imensa, ocidentalizada, avançada, acima da qual se encontra a China, a ditadura mais poderosa do mundo em termos econômicos e militares. Juntando tudo temos um Estado nacional/continente bem no meio do Indo-Pacífico — a locomotiva econômica do século XXI.

A história começa quando os britânicos resolveram deportar seus prisioneiros, primeiro com o desejo de que ficassem o mais longe possível da Grã-Bretanha, e depois não querendo mais nem saber deles. O que poderia ser melhor para isso do que o fim do mundo, um lugar de onde jamais